

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND

A territorialidade na aldeia indígena tupinikim de Comboios:
Apropriação e uso do território na elaboração de sequências
didáticas

Simony Matheus Barbosa e Joselda Coutinho Passos

Aracruz - ES

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND

**A territorialidade na aldeia indígena tupinikim de Comboios:
Apropriação e uso do território na elaboração de sequências
didáticas**

Simony Matheus Barbosa e Joselda Coutinho Passos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao PROLIND como
requisito para obtenção do título de
Graduado em Licenciatura Intercultural
Indígena da Universidade Federal do
Espírito Santo.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Eugênio
Nogueira

Aracruz - ES
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES
Licenciatura Intercultural Indígena – PROLIND

A territorialidade na aldeia indígena tupinikim de Comboios:
Apropriação e uso do território na elaboração de sequências didáticas

Simony Matheus Barbosa e Joselda Coutinho Passos

Aprovado em: 29/10/2022

Banca Examinadora :

___ Prof. Dr. Carlo Eugênio Nogueira (UFES) –
Orientador

Profª. Msc. Juliana Henrique Gonçalves

Profª. Tainá dos Santos Matheus Barbosa

AGRADECIMENTOS

Dedico a realização deste trabalho a irmã Ângela Tortorella, por ela sempre nos motivar a estudar e não desistir da nossa caminhada. Assim como dedico aos meus colegas do PROLIND que sempre motivaram a seguir em frente, a meus pais que sempre me ensinaram a importância aos estudos, aos nossos filhos, que sempre nos permitiram a seguir em frente.

Agradeço ao nosso orientador Carlo Eugênio que permitiu que realizasse esse trabalho, a sua orientação foi essencial para o desenvolvimento do trabalho.

RESUMO

Este trabalho busca analisar as territorialidades da aldeia Indígena de Comboios localizada no município de Aracruz. Tem como objetivo conhecer as territorialidades deste povo tradicional, que faz uso desses espaços, para elaborar sequências didáticas que poderão ensinar, em sala de aula, as territorialidades estudadas. O conjunto de Sequências Didáticas (SD) apresentadas, que ilustram os diferentes usos do espaço da aldeia, foram pensadas depois que se procedeu às entrevistas com os moradores e a observação da aldeia, seguida de fotografias e anotações. A pesquisa traz um grande aprendizado, tem uma abordagem culturalmente indígena, que tem um grande significado para o povo tupinikim, que envolve a interação com o seu território. Assim, a pesquisa possibilita conhecer de que forma os moradores utilizam os diferentes espaços como o manguezal, rio, praia, reserva biológica. Através dos relatos, constatou-se que esse grupo de indígenas tupinikim atribui um grande significado a esses espaços, principalmente a praia. Por meio da pesquisa, além de conhecer as modificações ocorridas em geral, bem como as ações desenvolvidas no local, foi possível compreender que ao interagirem e se apoderarem de parcelas de seus espaços de vivência, os tupinikim constroem suas territorialidades.

Palavras-Chave: Territorialidade Indígena. Cultura. Tupinikim.

KÛATÎARYPY

Xe nhembo'esá-nhe'enga rupi anhembo'e-etépotar taba Comboios seryba'e resé, Aracruz retame oíkóba'e.

Xe nhembo'esá-nhe'enga rupi aïkuakatu-ukar Comboios tabygûara resé sekoaba abé-ne.

Xe nhembo'esá-nhe'enga emonã: oíkó tekókuabe'enga îepotabẽ, xe mombe'u Comboios tabygûara, mba'e ra'angapó, xe kûatîaretá abé.

Xe nhembo'esá-nhe'enga rupi atekókuabe'eng peẽ supé, aïmombe'u xe anama rekó rupi, abá tupinakyîa mba'e matueté abé. Aïmombe'u tupinakyîa abá-retama oîporuba'e resé.

Emonãnamo, gûapara'yba porûaba, 'y porûaba, paranã porûaba, ka'aeté porûaba xe kuabe'engi xe nhembo'esá-nhe'enga rupi.

Tupinakyîa 'esagûera rupi, Abá retama, Comboios seryba'e, sepymarangatueté, paranã abé.

Emonãnamo, anama-tupinakyîa rekobé xe kuabi.

A'ekatu abá rekó kuapa tupinakyîa retãme.

Nhe'eng-eté: (anhembo'e-etépotar)

LISTA DE FIGURAS/FOTO

| | |
|---|----|
| Figura 01 – Território da aldeia indígena de comboios | 08 |
| Figura 02 – Rio de comboios | 22 |
| Figura 03 – Praia de comboios | 22 |
| Figura 04 – Manguezal de comboios | 22 |
| Figura 05 – Reserva biológica de comboios | 22 |
| Figura 06 – Carebeiro | 24 |
| Figura 07 – Palestra com alunos | 24 |
| Figura 08 – Pescaria indígena | 26 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 9 |
| Uso e apropriação do território na aldeia indígena comboios: houve modificações desde a criação da aldeia? | 10 |
| O uso dos diferentes espaços da aldeia: rio, praia, manguezal, reserva biológica | 17 |
| Educação escolar | 24 |
| Sequencia didática | 27 |
| Considerações finais | 30 |
| Propostas de sequencias didáticas | 32 |

1. Introdução



Imagem do território da aldeia Indígena de Comboios

O presente trabalho tem a finalidade de analisar o uso e apropriação do território da Aldeia indígena de Comboios, localizada no Distrito de Vila do Riacho, município de Aracruz/ES a cerca de 48 km de distância da cidade. Dentre as aldeias indígenas do Espírito Santo, Comboios se torna única pelo seu aspecto geográfico, uma vez que ela se localiza em uma Península, cujo acesso se dá pelo Bairro de Regência, situado na cidade de Linhares – ES. Com uma vegetação formada predominantemente por uma restinga, que varia de tamanho, apresentando-se em parte alta e em parte baixa, é comum as pessoas chegarem a aldeia por meio da travessia do Rio Comboios, uma vez que boa parte da extensão territorial da aldeia é formada de solo arenoso, que dificulta o uso de carros motos. Dessa forma, por ter um solo formado por terreno arenoso, os meios de transporte utilizados pelas pessoas da comunidade indígena dentro da aldeia estão restritos aos cavalos, trator, barco a remo ou a motor e com veículos tracionado.

Além de estar localizada em uma península, a aldeia apresenta uma outra peculiaridade, por ter anexa às suas terras o manguezal, uma reserva biológica, o rio e o mar, o último muito frequentado por moradores e visitantes. Portanto, notou-se a viabilidade de realizar uma pesquisa com ênfase no conhecimento dos anciões indígenas sobre o território que habitam. Em outras palavras, o objetivo é descobrir as maneiras como os diferentes espaços da aldeia, que apresentam um grande valor cultural para os moradores, são apropriados e

utilizados pelas pessoas. Para atingir esse objetivo, temos que considerar a apropriação e uso do espaço pelos diversos grupos que habitam, como crianças, jovens, mulheres e pescadores, por exemplo, bem como as modificações ocorridas historicamente no território da aldeia, as ações desenvolvidas no local, bem como os impactos causados recentemente pela implementação de indústrias em lugares antes frequentados pelos indígenas.

A Interação dos povos tupinikim da aldeia de Comboios com os espaços que tradicionalmente habitam expressam as diferentes territorialidades que podem surgir a partir da apropriação dos lugares, contribuindo com a construção de nossa identidade e auto reconhecimento. Portanto, o uso conferido aos lugares tem um significado de extrema importância para a população, não apenas para a sua subsistência, mas vai além, tem um valor espiritual, simbólico, de respeito à natureza e aos seres vivos.

Levando em consideração a importância que tem o território para os povos indígenas, concordamos com Bonnemaïson (2002), que afirma que uma etnia só mantém se sua territorialidade estiver preservada. Portanto, as territorialidades de um grupo podem ser definidas e qualificadas a partir do envolvimento constante da população indígena com os lugares que frequentam e utilizam em seu cotidiano. Para a Geografia, o território, em uma primeira aproximação, pode ser definido a partir das relações de poder de um grupo social ou instituição, sendo comum associar o conceito de território ao Estado.

Em outras palavras, o território revela a espacialidade das relações de poder de uma sociedade em diferentes escalas. A territorialidade, portanto, é a percepção que temos do poder exercido por um indivíduo ou um grupo em dado espaço geográfico. Em uma definição mais próxima da antropologia, considera-se a territorialidade como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico” (LITTLE, 2003, p. 253), ou seja, é algo mais cultural do que físico, pois em um mesmo território muitas territorialidades podem se expressar e se construir.

O território, dessa forma, é concebido com base em várias dimensões, englobando aspectos econômicos, políticos, culturais e naturais, que estão intimamente ligados (HAESBAERT, 2004, 2007; SAQUET, 2005, 2009). Segundo Haesbaert (2007), o território compreende tanto a identificação como a apropriação. Ao habitar um espaço e tomar consciência de sua participação, as

pessoas o transformam em um território (ANDRADE, 1998; CARA, 1998). Sua ocupação corresponde a vivências significativas, cujo sentido se faz presente nas ações interligadas que compõem e integram o seu processo de constituição e de formação do movimento social (MEDEIROS, 2009).

É neste sentido que os indígenas se relacionam com o seu território, pois é nesta terra que estão enterrados seus ancestrais. Esse relacionamento com a natureza é construído a partir da crença nos espíritos da natureza, como afirma a D. Nilza, que relata que era muito comum aparecer no território de Comboios seres sobrenaturais, como a mãe d'água, o caboco d'água. Além de outros, como o Boi Tatá, a mula sem cabeça, etc., todos encontrados na natureza. Ela conta que já viu esses seres, e todos da comunidade os respeitavam. Seres hoje considerados como folclóricos. Neste trabalho, tentamos mostrar de que maneira as diversas territorialidades surgidas a partir dos diferentes usos dos lugares pela população tupinikim de Comboios pode servir de base para a atuação do professor nas escolas indígenas, uma vez que os estudos sobre este tema podem ser aplicados, valorizando a cultura e criando um sentimento de respeito e preservação dessas práticas. Para atingir esse objetivo, pensou-se na construção de sequências didáticas (SD), que podem ser uma ferramenta útil no processo de ensino para trabalhar essas territorialidades.

2. USO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO NA ALDEIA INDIGENA COMBOIOS: HOVE MODIFICAÇÕES DESDE A CRIAÇÃO DA ALDEIA?

As modificações ocorreram desde a colonização no ano de 1500. Como afirma Martins (2005), mudanças no território indígena brasileiro se deram principalmente através do contato com os europeus. A expansão da colonização, com a criação de cidades, estradas e campos de cultivo, criou um movimento incessante de não indígenas internamente ao espaço que hoje forma o Brasil, em uma verdadeira movimentação de fronteiras econômicas, étnicas, demográfica, política, etc. Os contatos dos povos indígenas diante dessas fronteiras causaram destruições, mas também geraram muitos aprendizados, trocas e adaptações a todos os grupos envolvidos. Portanto, esse processo de transformação passa por uma longa história.

D. Nilza Matheus Barbosa nos conta que no território Indígena de Comboios, as mudanças ocorreram a partir da enchente do ano de 1979, quando houve a

necessidade de muitas pessoas abandonarem suas casas e saírem da aldeia. Assim como afirma o senhor Edson Barbosa, 104 anos, que por causa desse acontecimento viveu durante muitos anos fora com sua família, e voltou por volta do ano de 1994 para aldeia.

A D. Nilza e seu Édson relatam que a aldeia, em meados do século XX, era fechada de mata nativa, as moradias, bem simples, eram de palha, não tinham piso, e eram situadas distantes umas das outras. Não havia energia elétrica, e a alimentação era baseada na prática da pesca, da caça, na coleta de mariscos e no cultivo de hortaliças e verduras. A aldeia era um espaço constituído por um número bem reduzidos de moradores, que ocupavam as áreas próximas ao rio Comboios. Os indígenas mapearam a aldeia em quatro partes principais. Sendo elas **Comboios de baixo**, situada próxima à Barra do Riacho; **Comboinho**, considerado o centro de Comboios e **Comboios de cima**, ao norte em direção a Regência e outras extremidades nomeada de **Quartel**.

Com a enchente, as moradias passaram a ser feitas em locais mais distantes do rio, e por volta do ano de 1994, com a chegada da pastoral indigenista, as irmãs missionárias foram trazidas para a aldeia, dentre essas missionárias, se destacam as irmãs Ângela e Nilma, que tiveram um papel fundamental em trazer a educação e a escola para a aldeia, além de ajudar muitas famílias em situações precárias. Com elas, as casas simples deram lugar a casas de alvenaria.

A Tainá dos Santos Matheus, nos conta:

Desde a primeira demarcação, houve muitas mudanças principalmente em relação as normas estabelecidas pelos caciques e lideranças antigas. Assim como o Jorge Barbosa que relata que na aldeia indígena não tinha posto de saúde não existia escola de alvenaria, e nem transporte terrestre hoje modificou quase tudo, mas que ainda mantemos a nossa cultura.

As mudanças mais visíveis ocorreram a partir da chegada das indústrias no território tradicionalmente ocupado pelos tupinikim, como a implantação da Aracruz Celulose, que conseguiu transformar antigos espaços da aldeia em plantações de eucalipto. BHP Biliton, Samarco e Vale do Rio Doce, que afetou diretamente a vida cultural dos indígenas, com a contaminação do rio e do mar, que acabou com muitas espécies de peixes, que era seu principal meio de subsistência. Segundo o Cacique da aldeia Comboios, o Antônio Carlos, que

acompanhou de perto esses impactos no território, nos relata o ano em que essas empresas se instalaram no território indígena:

As implantações das indústrias surgiram a partir da década dos anos 1970 nos territórios indígenas com impactos diretos e indiretos, como por exemplo: Portocel no ano de 1985, Aracruz Celulose, em 1970, Jurong, em 2000, Canal de Caboclo Bernardo, em 2006, Massa Fix, em 2000, Imetame, em 2018, todas essas empresas trouxeram progresso, mas também grandes impactos sociais, econômicos, cultural e ambiental, todas instaladas no território indígena, umas mais próximas, outras mais distantes. No ano de 2015, ocorreu o rompimento da barragem de rejeito de minério.

Esses impactos fizeram com que os indígenas fossem obrigados a se adequar ao consumo de alimentos industrializados. A alimentação dos indígenas era baseada em alimentos naturais extraídos da própria natureza, como a pesca, caça, cultivo mandioca, entre outras, como a coleta de frutos, de caranguejos, mariscos. Se fixavam em locais bem próximos ao rio, pois a prática da pesca, do cultivo eram essenciais para o seu sustento. Suas vivências territoriais eram o que constituía seu meio de subsistência, suas moradas, seus saberes tradicionais.

Essas formas de apropriação comum de espaços e recursos naturais renováveis se caracterizam pela utilização comunal (comum, comunitária) de determinados espaços e recursos por meio do extrativismo vegetal (cipós, fibras, ervas medicinais da floresta), do extrativismo animal (caça e pesca), e da pequena agricultura itinerante. Além dos espaços usados em comum, podem existir os que são apropriados pela família ou pelo indivíduo, como o espaço doméstico (casa, horta, etc.) que, geralmente, existem em comunidades com forte dependência do uso de recursos naturais renováveis que garantem sua subsistência, demograficamente pouco densas e com vinculações mais ou menos limitadas com o mercado. (DIEGUES, 1998, p.66).

Com os impactos das indústrias, houve uma diminuição da biodiversidade, interferindo diretamente na alimentação tradicional, com a perda ou diminuição da prática da pesca e da caça. Era de hábito indígena trocar os peixes que pescavam por outros tipos de alimentos. Porém, com a contaminação do rio e do mar esses hábitos mudaram. De acordo com o projeto de pesquisa do Observatório dos Conflitos no Campo (OCCA), ao passar pelo rio Comboios, as águas do rio doce trouxeram a poluição e a diminuição dos peixes, fato que prejudicou a comunidade Tupiniquim da Terra Indígena de Comboios, por onde o rio passa. Ademais, o nível do rio Comboios passou a ser controlado pela empresa através de um sistema de comportas que não respeita o movimento

natural de cheias e vazantes, que era aproveitado pelos Tupiniquins para os cultivos nas várzeas.

Na verdade, segunda as informações coletadas, antes dos impactos modificarem o meio ambiente, os recursos naturais disponibilizados pela proximidade do rio e dos mangues, eram muito importantes para a alimentação do povo indígena que tinha como meio de sustento. Pois a população se alimentava basicamente da pesca e da coleta de mariscos do mar. Os indígenas eram dotados de muitas habilidades, como confeccionar suas próprias armadilhas, suas próprias linhas de pesca. Havia uma variedade de formas de capturar peixes nos rios e no mar. As linhas e as armadilhas eram confeccionadas com a matéria prima da natureza, pelos próprios pescadores, eles aprenderam a confeccionar esses materiais com os pais que foram passados adiante.

Isso podia ser visto nos instrumentos utilizados para a pesca. Um dos mais utilizados era o **tucum** (palha), material utilizado para fazer as linhas, tinha a **carretilha** feita de (madeira) objeto grande para enrolar as linhas de tucum, tudo feito manualmente, **Menjuada** (vara de pesca), a **gruzeira** ou **espinhel** uma extensa corda estendida ao longo do rio, cheias de anzóis. O **pulçar** também feito de tucum parecido com um funil. Quando os pescadores iam pescar a noite faziam **facho** que era utilizado como luz são feixes de palha de guriri, amarrados com embira que colocavam fogo, para clarear os peixes que vem para beirada a noite assim os acertavam com uma arma afiada.

As crianças acompanhavam os pais nas pescarias e assim acabava aprendendo também esta prática. Com base na entrevista com seu Édson Barbosa ele relata que ainda lembra como confeccionar algumas armadilhas.

A maioria dessas armadilhas era muito utilizada no rio, tinha também outros tipos como **juquiá** que era utilizado para pegar camarão que até hoje ainda e utilizado por algumas pessoas. Tinha as **gamelas** para pegar conchas no rio. Tinha as conchinhas e os tatuzinhos da praia que os pescadores capturavam utilizando as mãos e os pés para cavar a areia quando a onda vinha, assim pegavam para cozinhar e também usar como isca.

Os moradores costumavam se guiar pelas fases da lua para uma boa pescaria, as fases da lua ideal para a prática da pesca é a lua crescente, e para a coleta do caranguejo que também era muito comum essa prática na época, a lua ideal era

a lua cheia e a lua nova, e a crescente. Segundo seu Edson este período era melhor por que os caranguejos saia do buraco e ficava andando. Além da pesca e da coleta de caranguejos os pescadores indígenas se alimentavam de tartaruga, e de seus ovos.

Faziam ronda a noite, nos meses de outubro e fevereiro que é o tempo da desova, ou seja, andava a noite vigiando as tartarugas aparecerem ou sair do ninho, para capturar. A coleta do caranguejo e do goiamum era manual não utilizava nenhum instrumento. Retirava os caranguejos na mão, mas tinha uma tática para não ser picado por eles. No entanto todas essas práticas eram feitas a pé, pois na época não usavam nenhum meio de transporte, então se deslocavam da aldeia até o mangue que tem uns 15 km de distância. Assim como para a praia também.

Gostavam de pescar em alto mar de canoa, iam em três pessoas, tinha o que ficava na proa, outro na polpa, e no meio que era responsável de tirar a água das ondas que jogava dentro da canoa e quando as ondas viravam a canoa eles iam nadando de volta para tentar resgatar a embarcação e continuar a pescar. Segundo seu Édson, os próprios pescadores nomeavam cada ponto considerado melhor para a prática da pesca. Esses nomes eram relacionados a morros avistados em alto mar. Então eles nomeavam esses morros, como três noites, moita grossa, gamela, moreno. Assim nomeavam os pontos na terra também como quartel, comboio grande, alecrim, e ainda existe este pé de alecrim até hoje no local.

As linhas muito utilizadas para a prática da pesca no mar era a linha de burro (linha de 5 anzóis) e náilon. E tinha os tamanhos também apropriados a linha de 0,40,0,50, para pescar na beirada, para pescar em alto mar utilizavam as linhas 0,45, 0,50, 0,80. Os meses apropriados para a prática da pesca é o mês de abril e maio, por que é o mês que o mar estava mais calmo e dava para pescar em alto mar.

A canoas muito utilizadas para a pesca era feita de madeiras de guaticica (considerada mais resistente, porém mais dura), madeira de panheira, madeira de garapa, os remos que eram feitos com a madeira aká e moldadas com um facão. Ainda há indígenas mais velhos na comunidade que sabe fazer canoas, porém não e feito mais pelo fato de não se usar mais. Assim como tem pessoa que ainda tem a canoa que guarda como recordação. O remo de madeira ainda

há pessoas que utiliza, mas nada parecido com o de antigamente, pois é feito de qualquer maneira, tudo improvisado.

Portanto, pode-se perceber que antes da chegada dos rejeitos de minério, a prática da pesca já tinha mudado muito, poucos indígenas pescavam, uns mais por esporte, nos finais de semana e feriados. Alguns até comercializavam a sua pescaria, mas não era algo muito frequente, pois não se tinha a pesca com um meio de renda. Assim como a reserva biológica, que é um local protegido, os indígenas antes se alimentavam muito da tartaruga e dos seus ovos. Hoje o incentivo é de preservação, o local é aberto apenas para visitas. O manguezal já foi muito frequentado antigamente pelos anciões, porém, com o tempo isso veio mudando, por ser um local mais distante, que fica na divisa com a Barra do Riacho, é pouco frequentado pelos jovens de hoje.

3. O uso dos diferentes espaços da aldeia: rio, praia, manguezal, reserva biológica

2)



Rio Comboios

3)



Praia de Comboios

4) 5)



Manguezal de Comboios



Reserva biológica de Comboios

Os meios de sobrevivências dos povos indígenas da aldeia de Comboios sempre foram baseados na prática da pesca e da coleta de mariscos. Faziam longas viagens a pé em busca desses recursos naturais, passavam dia e noite em locais distantes da sua aldeia, pescando e caçando. A captura dos caranguejos

goiamum, praticada manualmente, sem o auxílio de qualquer instrumento, era feita nas áreas de mangue. Tanto homens e mulheres participam desta prática. D.Nilza Matheus relata que da aldeia até o mangue tem uns 15 km de distância, o trajeto era feito normalmente a pé, ou com o uso da canoa.

Manguezal é um ecossistema muito importante para o equilíbrio ecológico. A riqueza do seu solo deve-se, principalmente, aos nutrientes trazidos pelas águas dos rios, que garantem um ecossistema altamente produtivo. Funciona como um berçário natural para o desenvolvimento de muitas espécies de animais e plantas. Existem em lugares que sofrem a influência de marés, permitindo a mistura da água salgada (do mar), com água doce (do rio).

Outro fator importante é a salinidade do solo, que pode interferir no desenvolvimento das espécies do manguezal, como na altura das árvores e na quantidade das suas folhas. Ao contrário de outras florestas, os manguezais não são ricos em espécies, porém destacam – se pela grande abundância das populações que neles vivem. Por isso podem ser considerados um dos mais produtivos ambientes naturais do Brasil. O Brasil possui 12% dos manguezais do mundo: são 25 mil km², que se estendem do Cabo Orange, no Amapá, até o município de Laguna, em Santa Catarina.

Diversas espécies, como o **caranguejo**, o **guaiamum** e o **aratu** habitam os manguezais. Além deles, outras espécies, como **ostras** e **mexilhões**, estão presentes nos manguezais e se alimentam, filtrando da água os pequenos fragmentos de vegetais. Mamíferos convivem bem com o mangue, como o **quati**, a **lontra** e o **guaxinim**. Aves típicas são poucas, devido à pequena diversidade florística; entretanto, algumas espécies usam as árvores do mangue como pontos de observação, de repouso e de reprodução. **Camarões** também entram nos mangues durante a maré alta para se alimentar. Muitas das espécies de peixe do litoral brasileiro dependem das fontes alimentares do manguezal, pelo menos na fase jovem. **Filhotes de peixes**, chamados de alevinos, nascem e se desenvolvem neste ecossistema (por isto, os manguezais são considerados maternidade e berçário naturais).

A reserva Biológica de Comboios, durante muitos anos, era um espaço percebido como meio de sobrevivência dos indígenas, que se alimentavam da captura de tartarugas, e dos seus ovos. A prática da caça das tartarugas era feita em grupos, que participavam de rondas a noite para observar os locais de desova,

que acontecia nos meses de outubro, fevereiro e novembro. Os que participavam dos grupos dividiam entre si a carne ou os ovos da tartaruga. Atualmente, a área da reserva é considerada uma área protegida, de preservação da vegetação, e uma das bases do projeto Tamar, que tem como função proteger as tartarugas marinhas.

A participação da comunidade é fundamental para o sucesso da preservação do meio ambiente, evitando assim a extinção dessas espécies e a degradação da natureza, até mesmo pelo fato da entrada dos não indígenas em suas terras. A participação dos tupiniquins como parceiro do projeto Tamar, se dar através de palestras com a escola e comunidade, contribui na execução de projetos de preservação voltado para o meio ambiente. Como afirma a professora Ana Paula, da escola EMEFI “Dorvelina Coutinho”, a parceria com o IBAMA nas escolas já realizou projetos de preservação da praia, que foi muito importante, e teve um grande apoio do Projeto Tamar na aquisição de materiais de coleta de lixo, confecções de camisa, palestras.

Os indígenas que trabalham diretamente com IBAMA na preservação das tartarugas são chamados de carebeiros. Ao dividirem seu trabalho, cada indígena fica responsável por um ponto de desova a cada quilômetro. Além dos carebeiros, a equipe do IBAMA vem duas vezes por semana para observar e proteger os ninhos com telas, para evitar predadores. O projeto Tamar conta com o empenho da população para a proteção das tartarugas, evitando assim a sua extinção. Quando o projeto começou a atuar na preservação das tartarugas na Reserva Biológica de Comboios, tinha no mínimo uns 50% de tartarugas desovando na praia, agora atinge a 800 desova.

- 6)
- 7)



Carebeiro indígena



Palestra com os alunos

Em entrevistas realizadas com alguns moradores, podemos verificar a importância do território no dia a dia. Para Larissa Duarte:

O território para as comunidades indígenas é tudo! É onde adquiri os conhecimentos tradicionais da cultura. O território de Comboios para mim é o lugar onde encontramos paz, tranquilidade harmonia com a natureza. Porque mesmo com todas transformações ocorridas com o passar do tempo ainda se mantém bem reservada, buscando além de manter a tradição do povo preservando cultura.

D. Nilza Matheus, 73 anos, nascida e criada na aldeia de Comboios, conhece o território de Comboios muito bem. Desde pequena usufruiu muito dos benefícios que este território proporcionava, como o rio, o mangue e o mar. Dotada de muitos saberes tradicionais, acompanhou de perto os fatos marcantes ocorridos no território. Ela nos conta:

Anos atrás a pesca era mais realizada em alto mar com o uso da canoa, em grupos. Sendo assim, a pescaria era compartilhada entre os integrantes do grupo, que comercializavam, ou trocavam por alimentos, e utilizavam de vários instrumentos confeccionados por eles mesmo. Atualmente, esta prática é feita a beira mar, em pontos específicos, pontos nomeados a muito tempo pelos anciões, que permanece até hoje. A coletividade sempre foi muito valorizada entre os indígenas, que sempre trabalharam em grupos e partilhavam seus espaços.

A moradora Luzia Florêncio Rodrigues vai na mesma direção, trazendo um relato bastante interessante sobre a importância do território, as diferenças de seu uso pelos moradores as modificações que ele vem sofrendo nos últimos anos:

Território é o espaço onde eu vivo, como minha casa, minha aldeia e também posso dizer o município que é um espaço de onde posso ir e vir. É importante não só a terra que ocupo mas todo o ecossistemas que existe, pois há uma relação de história de vida e sobrevivência do povo nesse espaço.

Os espaços são usados até hoje para a sobrevivência, onde é retirado alimento e também serve de lazer. No rio usamos juquiá, rede de malha, tarrafa, rede de calão, fisga, vara de pesca de mão e de linha a mão também. No mar usamos vara de pescar e linha de mão no mangue usa puçá de pegar caranguejo.

Na praia vamos andando, hoje algumas pessoas vão de trator e barco ou caminhando para o mangue. Toda extensão da praia é boa para pescaria, porém tem algumas pessoas que tem preferência de pescar sempre no mesmo ponto de pesca.

Mas tem período dos peixes migrar de um lado para o outro, acompanhando a temperatura da água. A diferença é que existe moradores com mais afinidade de pescar no rio do que no mar ou vice-versa, assim como definem os pontos onde pescam sempre, parece uma coisa de sentimento e inspiração ou sorte, como eles dizem, de pegar mais peixes.

As modificações foram desde dos tipos de matérias ou maneiras de realizar as pescarias nos usos e manuseios dos mesmos, antes era só linha a mão ou espinhel, hoje já usa vara de molinete. Antes a mata era fechada, perigos a toda parte de ficar sozinho, então tinha que ter um companheiro para estar sempre realizando as pescarias ou caçadas. Hoje, com as derrubadas, os espaços de matas estão tão devastados que até uma criança anda sozinha para a praia ou para o rio. Não sabemos ao certo se foi criada a aldeia, pois sempre existiu esse espaço para o povo indígena, o que podemos destacar é a demarcação de terras a partir dos governos, quando foram fazendo as invasões de terras do povo originários.

O território de comboios sofreu com a implantação do gasoduto da Petrobrás, mas a data específica não sei informar. Outras indústrias que chegaram em nosso território também foram a Vale do rio doce, Aracruz celulose, conhecida hoje como

Suzano, Imetame e agora Jurong, entre outras menores. Os impactos são tremendos, desde a poluição e a contaminação do solo e do ar, retirou os espaços de terras de moradias e subsistência e lazer, tirou-nos o direito de ir e vir trazendo exclusão e mais pobreza na saúde e no modo de vida cultural e étnica do povo tupiniquim.

8)



Pescaria indígena

Segundo o sr^o Edson, 105 anos, os moradores sempre utilizaram os espaços como o mar, rio, manguezal com os mesmos objetivos, que é o da prática da pesca e da coleta de mariscos. Durante anos esta atividade era considerada o único meio econômico dessa comunidade. As táticas são as mesmas, passadas oralmente de pais para filhos. Tanto a pesca quanto a coleta são atividades utilizadas como momentos de lazer e diversão, feitas de modo individual e também em grupos, bastando apenas conhecer a melhor forma de pescar. Como já foi citado, antigamente usavam-se vários métodos para se capturar peixes e mariscos, como a gruzeira, o facho ou a menjuada. De acordo com a Tainá dos Santos Matheus Barbosa:

Não há um controle do ser humano em relação sua interação com estes espaços, porque cada um determina que tipo contato quer estabelecer com a natureza, em outras palavras o homem é capaz de determinar o que deve predominar, então aqui muitos poluem outros preservam. Sim, pelo que vê, tem diferença do manguezal o rio e o mar. A reserva biológica ela preserva os animais e o meio ambiente e o rio é o mar não podemos jogar lixo e nem esgoto e nem no manguezal pois temos que preservar e manter sempre limpo e sempre preservar.

Quando falamos de território, nos referimos a saberes tradicionais, cultura, identidade de um povo, apropriação do espaço através de suas práticas culturais. Para os indígenas, o território vai além de apenas um pedaço de terra. Como reforça a antropóloga Alcida Ramos (1988), a terra é muito mais que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento.

O geógrafo Claude Raffestin (1983) explica que podemos caracterizar o território em pelo menos quatro níveis e situações distintas e complementares: a) território do cotidiano, b) das trocas; c) de referências, d) território sagrado. O território do cotidiano corresponde à territorialização de nossas ações de todos os dias, através das quais garantimos a satisfação das necessidades nas relações entre indivíduos e lugares. Como reforça Turri (2002), território significa apropriação social do ambiente, seja o ambiente natural, seja o ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas. O homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, de maneira objetiva e subjetivamente.

Assim, o território se constrói a partir dessas vivências humanas, está em constante transformação, principalmente pelos atores que o modificam e o

reorganizam, a partir de seus saberes tradicionais. Para Marcos Aurélio Saquet (2013), a construção do território se dá a partir das relações sociais, de interações e relações de poder, presentes nas diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes de relações entre os grupos sociais, constituindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente.

A territorialidade também pode ser compreendida como mediação simbólica, cognitiva e prática que a materialidade também dos lugares exercita nas ações sociais. Isso nos leva a compreender o quanto as territorialidades são importantes para os povos indígenas, pois as práticas cotidianas não refletem apenas em um valor econômico, mas se apresentam como um símbolo, que lhe dá identidade. Como ressalta Dematteis (1999), a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e discontinuidades no tempo e no espaço. As territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

Desde a colonização do Brasil, os indígenas sempre tiveram uma relação muito forte com o seu território. É nesta terra que está guardada todos os conhecimentos e saberes tradicionais de seus ancestrais. Essa intensa relação vai além de se obter apenas um espaço para se plantar e morar. A terra, para os indígenas, é considerada a mãe terra, onde construímos nossas vivências, o respeito com a natureza, com o tempo. O território é considerado sagrado. Pois é nesta terra que tiramos o alimento, que produzimos seus conhecimentos passados de pais para filhos, como os artesanatos e moradias típicas. É o espaço onde podemos viver livremente, sem degradar a terra. O território de nossa identidade, ao qual pertencemos.

É neste contexto que se constrói a ideia de produzir as sequências didáticas, trazendo como abordagem o território com foco de resgatar esses saberes indígenas que fazem parte da cultura dos tupiniquins. As sequências didáticas são entendidas como uma ferramenta que nos permite abordar este tema,

levando em consideração o que os alunos já conhecem sobre o território que habitam. A escola, por proporcionar uma educação diferenciada, tendo o seu currículo próprio, nos possibilita pensar em métodos mais significativos, que consigam atingir o que o aluno indígena necessita aprender. E a sequência didática, quando bem elaborada pelo educador, consegue atingir o objetivo proposto.

Pois são essas constantes interações com o território, os relatos históricos dos anciões, que possibilitam um material riquíssimo, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais. Sendo assim, é válido pensar em materiais que contribuam no resgate desses saberes, tendo como base a educação diferenciada, para ofertar um ensino com mais qualidade. É neste sentido que pensamos nas SD como um produto final, contribuindo na elaboração de ferramentas com o propósito de ficar como material didático, voltado para a questão indígena, levando em consideração o que é proposto pelo currículo indígena.

4. A EDUCAÇÃO ESCOLAR ÍNDIGENA

No centro da aldeia está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental indígena Dorvelina Coutinho, que atende alunos da educação infantil e do ensino fundamental, anos iniciais e finais. A proposta pedagógica de trabalho da escola está atualmente sendo reformulada. O esforço da equipe que trabalha na escola é o de desenvolver um ensino intercultural através das problemáticas que são definidas pela equipe pedagógica, de acordo com a realidade do momento em que a comunidade esteja vivenciando, para nortear o processo educativo em sala de aula e de acordo com o Currículo Escolar específico, interagindo com o Plano de Ensino Municipal e Estadual. A escola segue as orientações dadas quanto aos documentos federais propostos para Educação Escolar Indígena, com uma Base Nacional Comum complementada por uma parte diversificada dada as características locais do povo. De acordo com a Resolução MEC/CNE/CEB nº5, de 22 de junho de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica:

Art. 3º Constituem objetivos da Educação Escolar Indígena proporcionar aos indígenas, suas comunidades e povos:

I - a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - o acesso às informações, conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.

Parágrafo único A Educação Escolar Indígena deve se constituir num espaço de construção de relações interétnicas orientadas para a manutenção da pluralidade cultural, pelo reconhecimento de diferentes concepções pedagógicas e pela afirmação dos povos indígenas como sujeitos de direitos.

Art. 4º Constituem elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena:

I - a centralidade do território para o bem viver dos povos indígenas e para seus processos formativos e, portanto, a localização das escolas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos (CNE/CEB, 2012, p. 3).

A partir desses objetivos, os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos na escola partem de problemáticas políticas, sociais e culturais vivenciados pela comunidade indígena que se dividem em temas geradores. Esses temas, que são os pontos de partida para o ensino, estão hoje definidos da seguinte forma: A História do Povo Tupiniquim no contexto local, regional e nacional; A Organização Política no contexto local, regional e nacional; A Organização Econômica no contexto local, regional e nacional e, A Luta pela Terra no contexto local, regional e nacional. O Currículo Escolar traz os conteúdos inseridos em problemáticas para maior significado no processo de ensino aprendizagem, permitindo que os conhecimentos ocorram de maneira contextualizada. Contamos com o ensino da língua Tupi em todas turmas e também com apoio de livros didáticos. A Educação Infantil traz as problemáticas contemplando o âmbito de experiência e o eixo de conhecimento proposto pelo referencial curricular para a Educação Infantil. O Ensino Fundamental – Anos Iniciais desenvolve as problemáticas com conteúdo distribuídos da seguinte forma: 6 aulas de língua portuguesa, duas aulas de produção textual e leitura, duas aulas de educação física, uma aula de artes, cinco aulas de matemática, duas aulas de ciências, duas aulas de história, duas aulas de geografia, uma aula de leitura/jogos matemáticos e duas aulas de língua Tupi, sendo cinquenta minutos cada aula, com jornada mínima de quatro horas e 10 minutos diários, totalizando vinte cinco horas semanais. O Ensino Fundamental – Anos Finais desenvolve as problemáticas com conteúdo distribuídos da seguinte forma: quatro aulas de língua portuguesa, uma aula de produção textual, uma aula de inglês, duas aulas de educação física, uma aula de artes, quatro aulas de matemática, três aulas de

ciências, três aulas de história, três aulas de geografia, uma aula de leitura/jogos matemáticos e duas aulas de língua Tupi, sendo cinquenta minutos cada aula, com jornada mínima de quatro horas e 10 minutos diários, totalizando vinte cinco horas semanais.

O acompanhamento do trabalho em sala de aula é feito através de parcerias do professor, equipe gestora, visitação, diálogos e atividades direcionadas às práticas de leitura e escrita. Uma das práticas fundamentais é a busca pela identificação das necessidades dos educandos por meio de avaliações e diagnósticos, para então se partir para o planejamento de uma rotina de atividades que faça toda a turma avançar. O desempenho dos estudantes é acompanhado da seguinte forma: diagnóstico de leitura e escrita nas disciplinas de português e matemática, sendo o mesmo feito por elementos da própria escola e externo, da secretaria municipal de educação. Os alunos com necessidades especiais têm direito a adaptações das atividades, direito a realizar as atividades avaliativas em outro espaço onde possam ter mais atenção e concentração, apoio individualizado e atendimento na sala de recursos.

No início dos anos 1990, não havia escola no território indígena de Comboios, a educação formal, com o ensino de conteúdos e disciplinas presentes nos currículos oficiais, veio a surgir a partir da chegada das irmãs missionárias que adentraram na aldeia de Comboios. Essas irmãs conseguiram, a partir de uma estrutura improvisada, possibilitar a educação para as crianças que não frequentavam a escola, pois a aldeia é de difícil acesso e na época não havia o transporte. No entanto, junto com a pastoral e FUNAI, conseguiram professores não indígenas, ainda que as salas funcionassem em locais improvisados, como o centro comunitário, a antiga associação.

Com o passar dos anos, as irmãs Ângela e Nilma, junto com as lideranças indígenas, conseguiram junto com a prefeitura de Aracruz construir uma escola maior para atender os alunos. A Escola Municipal de Ensino Fundamental indígena Dorvelina Coutinho, que hoje está localizada no centro de Comboios, atende alunos da educação infantil e do ensino fundamental, dos anos iniciais e finais sendo turmas multisseriada, os professores e funcionários são indígena, residente na localidade de Comboios, atende alunos indígenas e não indígenas. A escola tem seu currículo próprio organizado por histórico, bases legais, objetivos, abordagem pedagógica PdT.

Os conteúdos estão organizados por meio de problemáticas que contemplam as especificidades da aldeia e também da região, do estado, país e mundo, sendo embasada no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. O que compreende cada problemática são as relações interculturais dos tupinikim com outros grupos étnicos (portugueses, africanos, italianos, Guarani), que tem como objetivo, adquirir conhecimentos e fatos que marcaram a vida do povo Tupinikim e de outros grupos étnicos.

A história do povo tupinikim, que vem a estudar a sua origem baseada na História milenar de seus antepassados; afirmar e valorizar a identidade étnica; a cultura. A luta pela terra dos povos Tupinikim e Guarani: Reconhecer os direitos enquanto povo indígena, as áreas demarcadas, a importância da terra. A organização sócio– econômica do povo Tupinikim:

Conhecer a organização socioeconômica do povo Tupinikim no passado e presente.

A organização política do povo Tupinikim: Reconhecer a importância da organização política das aldeias; E a interação do povo Tupinikim com o meio ambiente da aldeia; compreender a importância do meio ambiente para o povo tupinikim. No contexto local, regional, nacional e mundial. No entanto além da problemática a escola também usa as referências curriculares da BNCC e o currículo do município, fazendo um paralelo entre ambos.

5. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

A Sequência Didática, mais conhecida como SD, nada mais que uma forma de organizar, metodologicamente, de forma sequencial, a execução das atividades. Elas ajudam a melhorar a educação e a interação do professor e aluno, e deste com os demais colegas, em relação aos assuntos propostos pela BNCC e com seu entorno. De forma bem geral, a SD se define como uma estratégia educacional para aprimorar a aprendizagem, definindo passos e etapas correlacionadas com foco em atingir um objetivo específico. O professor define um início e um final para a aplicação dessa técnica, que pode variar de acordo com o tema escolhido e as necessidades observadas.

Alguns autores (Méheut apud PEREIRA E PIRES, 2012) defendem que na elaboração dessas atividades deve-se atentar ao conteúdo a ser trabalhado, para características cognitivas dos alunos, motivação para a aprendizagem e planejamento para a aplicação da atividade. Na verdade, as atividades devem ser bem estruturadas e planejadas pelo professor, visto que é ele que irá mediar todo o processo de ensino e aprendizagem. Portanto a SD pode se tornar uma ferramenta para um bom desempenho do sujeito, pensando sempre no objetivo que se deve alcançar, levando em consideração o nível que se encontra o público alvo. É importante valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, entender as suas dúvidas e demandas, fazer uso de conteúdos relacionados ao seu cotidiano, interativos e dinâmicos, colocar tudo isso em um bom planejamento estratégico

É de extrema importância o diagnóstico para conhecer como que está a aprendizagem, e desenvolver os conteúdos a serem trabalhados de acordo com a necessidade da criança, contribuindo com um bom desempenho e permitindo uma melhor interação e participação dos envolvidos, sendo essenciais para aquisição de novas habilidades em diversas áreas de conhecimento facilitando assim um melhor aprendizado. De acordo com Ausubel, Novak e Hanesian (1980), ao conhecer as concepções que as pessoas trazem de suas vivências, o professor constitui um material muito rico, que irá embasar toda a sequência didática para transformar essas informações cotidianas em saber científico.

Sendo assim, o professor tem que pensar muito bem todos esses aspectos e perceber que cada turma tem um jeito de trabalhar e por mais bem planejada que esteja a SD, poderão haver mudanças ao longo da aplicação. Ao oportunizar às crianças conhecer o modo de vida de antigamente de seus familiares, a escola estará formando e cumprindo com seu papel, explicitando os elementos próprios da organização da educação escolar indígena com concepções próprias sobre o que deve ser ensinado e aprendido, visando a recuperação de suas memórias históricas, fortalecendo a autoestima dos envolvidos e da coletividade da comunidade.

A partir de um passeio de campo pelo território da aldeia por diferentes espaços, visamos coletar informações para conhecer as diferentes territorialidades que existem dentro da aldeia. Depois, ao transformar esses relatos em material de base para aulas, é possível intercalar várias estratégias e recursos didáticos,

como, por exemplo, aulas expositivas, experimentos, jogos, textos, questionamentos, debates, entre outros. Desse modo, o objetivo é aproximar as crianças, público alvo das sequências didáticas, do modo de vida dos tupiniquins. Como pano de fundo, instigamos as crianças a questionarem como são organizados e apropriados os espaços da aldeia. Fazendo uma comparação entre a organização territorial da aldeia no passado e nos dias de hoje, é possível perceber se houve transformações? O que permanece e o que mudou no território? Como são utilizados e apropriados socialmente os diferentes espaços?

A história do povo indígena sendo contada numa perspectiva cronológica dos fatos é identificar elementos da cultura e da paisagem que sofreram transformações e elementos que permanecem até os dias de hoje. E as SDS permitem propor conteúdos necessários para ser trabalhados levando em consideração as vivências dos alunos no seu contexto familiar, no seu meio cultural. Portanto, é de extrema importância pensar em atividades com um propósito de levar em consideração os conhecimentos que as crianças já tem, que é a base para o método didático. Partindo deste ponto é possível o professor propor diversos meios de aprendizagem, que vai além da sala de aula, bem como as tecnologias, as pesquisas de campo, o manuseio de objetos.

Quando o ensino parte da sequência didática permite uma melhor definição dos tipos de atividades e conteúdo que será ofertado. Sendo assim, o educador consegue propor diferentes maneiras de ensinar, propondo uma educação mais voltada para as vivências dos alunos, partindo de suas habilidades. Como afirma ZABALLA (1998) a sequência do conteúdo “cooperação” estará formada pelo conjunto de atividades, nas diferentes unidades didáticas das diferentes áreas ou fora dela, que incidem na formação de atitude cooperativas.

Tainá do Santos Matheus Barbosa professora de alfabetização, afirma:

A sequência didática é um termo usado para determinar uma organização ou procedimentos passo a passo com etapas de aprendizado para garantia do conhecimento com início meio e fim sem perder o foco estabelecido pelo educador.

Sendo assim é importante compreender que quando se estabelece um conteúdo a ser trabalhado é necessário pensar como esse conteúdo vai ser abordado pensando principalmente como vai atingir o aluno no seu meio cultural. Quando se parte da sequência didática, torna-se possível uma melhor organização da

aprendizagem, levando em consideração o público alvo que irá atingir, quais ferramentas serão necessárias para que todos possam adquirir esse conhecimento, o tempo que será necessário, os tipos atividades que serão desenvolvidas.

Para a professora Tainá dos Santos Matheus Barbosa:

A sequência didática é uma estratégia que valoriza os conhecimentos prévios dos alunos, com esta prática conseguimos acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma mais completa, e planejar novas etapas para ele superar as dificuldades que houver durante a sequência já realizada.

E continua a professora Tainá dos Santos Matheus Barbosa:

Trabalhar sobre território é muito importante para os alunos e professores, pois através desta temática se fortalece as pesquisas, buscas de conhecimentos dos anciãos que fazem parte desta história, proporcionando a todos envolvidos práticas para proteção e preservação do território contra invasões, e garantia dos direitos já estabelecidos na constituição federal de 1988 no artigo 231.

Nesse sentido, a professora Maria da Penha Barbosa afirma:

Que a sequência didática é um ótimo caminho para todos, pois leva em consideração o nível de cada turma, onde é possível trabalhar com todas as disciplinas, é um ótimo apoio em sala de aula, e trabalhar o território em sala de aula é muito importante pois as crianças precisam saber a importância que tem para os povos indígenas.

Pensar em levar ao conhecimento dos alunos a visão de territorialidade dos povos indígenas por meio da sequência didática é a busca da valorização da identidade, a partir das acumulações dos conhecimentos que os alunos já têm do espaço que habitam. E a partir dessa estratégia, torna-se possível um melhor aprendizado, de resgate de seus hábitos culturais, valorizando e adquirindo um conhecimento mais a fundo dos espaços utilizados, aumentando a curiosidade dos alunos nas atividades no seu meio cultural, sendo assim, os professores conseguem dar mais sentido ao que querem propor.

No entanto, essa estratégia se torna essencial para um aprendizado direcionado nas construções dos saberes tradicionais na percepção do estudante enquanto indígena. A sequência didática é uma ótima ferramenta para a oferta de uma educação diferenciada sem fugir das habilidades que BNCC propõe. De acordo com o professor indígena Rones Passos Coutinho, a sequência didática facilita a compreensão e aprendizagem dos alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território é a apropriação do espaço, a posse de uma área sobre a qual é construído todos os saberes tradicionais na constante relação que os indígenas têm com a natureza. A forma de interação do grupo com o meio é que permite a construção do território a partir das atividades cotidianas que realizamos, como a caça, pesca, coleta, cultivo. Por isso, a apropriação desses recursos naturais tão importantes faz parte dos hábitos culturais de todos os indígenas.

Quando falamos de território, nos referimos a saberes tradicionais, cultura, identidade de um povo, apropriação do espaço através de suas práticas culturais. Para os indígenas, o território vai além de apenas um pedaço de terra. Como reforça a antropóloga Alcida Ramos (1988), a terra é muito mais que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento.

O geógrafo Claude Raffestin (1983) explica que podemos caracterizar o território em pelo menos quatro níveis e situações distintas e complementares: a) território do cotidiano, b) das trocas; c) de referência, d) território sagrado. O território do cotidiano corresponde à territorialização de nossas ações de todos os dias, através das quais garantimos a satisfação das necessidades nas relações entre indivíduos e lugares. Como reforça Turri (2002), território significa apropriação social do ambiente, seja o ambiente natural, seja o ambiente construído, com múltiplas variáveis e relações recíprocas. O homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, de maneira objetiva e subjetivamente.

Assim, o território se constrói a partir dessas vivências humanas, está em constante transformação, principalmente pelos atores que o modificam e o reorganizam, a partir de seus saberes tradicionais. Para Marcos Aurélio Saquet (2013), a construção do território se dá a partir das relações sociais, de interações e relações de poder, presentes nas diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes de relações entre os grupos sociais, constituindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de

circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente.

A territorialidade também pode ser compreendida como mediação simbólica, cognitiva e prática que a materialidade também dos lugares exercita nas ações sociais. Isso nos leva a compreender o quanto as territorialidades são importantes para os povos indígenas, pois as práticas cotidianas não refletem apenas em um valor econômico, mas se apresentam como um símbolo, que lhe dá identidade. Como ressalta Dematteis (1999), a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço. As territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

Desde a colonização do Brasil, os indígenas sempre tiveram uma relação muito forte com o seu território. É nesta terra que está guardada todos os conhecimentos e saberes tradicionais de seus ancestrais. Essa intensa relação vai além de se obter apenas um espaço para se plantar e morar. A terra, para os indígenas, é considerada a mãe terra, onde construímos nossas vivências, o respeito com a natureza, com o tempo. O território é considerado sagrado. Pois é nesta terra que tiramos o alimento, que produzimos seus conhecimentos passados de pais para filhos, como os artesanatos e moradias típicas. É o espaço onde podemos viver livremente, sem degradar a terra. O território de nossa identidade, ao qual pertencemos.

É neste contexto que se constrói a ideia de produzir as sequências didáticas, trazendo como abordagem o território com foco de resgatar esses saberes indígenas que fazem parte da cultura dos tupiniquins. As sequências didáticas são entendidas como uma ferramenta que nos permite abordar este tema, levando em consideração o que os alunos já conhecem sobre o território que habitam. A escola, por proporcionar uma educação diferenciada, tendo o seu currículo próprio, nos possibilita pensar em métodos mais significativos, que consigam atingir o que o aluno indígena necessita aprender. E a sequência didática, quando bem elaborada pelo educador, consegue atingir o objetivo proposto.

Pois são essas constantes interações com o território, os relatos históricos dos anciões, que possibilitam um material riquíssimo, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais. Sendo assim, é válido pensar em materiais que contribuam no resgate desses saberes, tendo como base a educação diferenciada, para ofertar um ensino com mais qualidade. É neste sentido que pensamos nas SD como um produto final, contribuindo na elaboração de ferramentas com o propósito de ficar como material didático, voltado para a questão indígena, levando em consideração o que é proposto pelo currículo indígena.

7. PROPOSTAS DE SEQUENCIAS DIDÁTICAS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 1

TEMA: O IMPORTANCIA DA TERRITÓRIO PARA OS POVOS ÍNDIGENAS

HABILIDADE: (EF06GE11/ES) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo, fazendo uma reflexão sobre como a sociedade se apropriou da natureza na ocupação das áreas, considerando a escala local para a global.

Disciplina: Geografia

Objetivos e conteúdo de ensino

Compreender a importância do território para os povos indígenas e como os povos originários interagem com as diferentes territorialidades.

Material

- Data show, computador;
- Textos previamente selecionados;
- Caneta;
- Caderno;
- Mapas (livro didático, Atlas ou outro);

DESENVOLVIMENTO

1 aula

- Apresentar no data show ou escrever na lousa o tema e o objetivo da aula
- Verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o que é território em que vive.
- Construir junto com os alunos o conceito de território a partir do conhecimento prévio.

- Projetar o vídeo COM – CORRÉGO'S NEWS, que mostra o território de Comboios.

<https://youtu.be/rOVrt1r82bA>

Direcionar perguntas como

- ✓ O que observou?
- ✓ Vocês conhecem todos os espaços de Comboios? Quais são os elementos presente no território da aldeia?
- ✓ Quais são os espaços da aldeia mais utilizados pelos indígenas? Qual a importância desses espaços para a comunidade?
- ✓ Quais os tipos de atividades praticadas nesses espaços?
- ✓ Elaboração de mapa mental do território de Comboios.

2ª aula

- Leitura e interpretação do texto os Índios Tupiniquins localização atual (livro história dos índios do Espírito santo. (Klítia Loureiro e Kalna Teão)
- Apresentar a localização dos territórios indígenas no Espírito Santo no mapa.
- Distribuir para cada aluno o mapa do Brasil em branco, e preencher, de acordo com os comandos do professor, pintando a região onde está localizada os povos indígenas.

3ª aula

- Leitura compartilhada do texto: O povo do Riso
- Direcionamento de atividade de interpretação textual.
- Elaboração de questionário de pesquisa com a família sobre as mudanças e permanência no território.

Projetar o vídeo series índios do Brasil quem são eles?

(<https://youtu.be/SAM7lazyQc4>).

- Após assistir o vídeo, questione os alunos a respeito do que trata o vídeo.
O documentário deixa nítida uma realidade que ainda é vivenciada pelos povos indígenas nos dias de hoje, como o preconceito e a forma estigmatizada como são vistos pela sociedade, que normalmente considera os indígenas como um povo preguiçoso, que querem terra, mas não aproveitam o potencial produtivo de suas propriedades.
- Mostra aos alunos a forma como o assunto do vídeo coloca a situação vivida pelos povos indígenas atualmente.
- Direcionamento de pergunta descrevendo na lousa:
 - ✓ Podemos dizer que a realidade descrita no vídeo fala de uma situação que persiste atualmente? De que forma?
 - ✓ Relatar em 1 parágrafo o que pode compreender do vídeo

O povo do riso

Muita coisa não sabe você, mas eu sei sou seu pajé e por isso sou velho. Vamos procurar povo irmão, que ainda mora em terra boas com caça, peixe, um povo que ainda sabe sorrir. Nem sempre nosso povo foi assim como você conheceu. E há outros índios que vivem como viveram nossos antepassados: livre e felizes, você nasceu e viveu quando o branco caraíba já havia invadido a mata. Por isso não sabe, vai ter que aprender tudo de novo, porque o índio que havia dentro de você está morto. Vai ter que aprender até mesmo a escutar a sua voz, quando todos os outros índios já nascem escutando a voz de dentro da gente.

Num tempo que não vai tão longe assim, nós éramos o povo do riso. Ríamos sempre e de tudo, porque éramos felizes. A mata era grande, verde, com muita caça. Os rios eram claros e limpos. Os peixes rebojavam em todos os remansos. A terra era mãe boa e sempre havia mandioca pra farinha e milho cauí se havia fome, fazia – se caça. E saíram a caça todos os homens, enquanto as mulheres

preparavam o cauim. E comiam e bebíamos por muitos dias, esquecidos de outros problemas.

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

- a) Qual é o título do texto?
- b) Escreva o nome dos alimentos citados no texto:
- c) Porque era chamado de povo do riso?
- d) De acordo com os seus conhecimentos descreva como **era a mata, o rio, e a terra:**

A mata:

O rio:

A terra:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 2

TEMA: A IMPORTANCIA DA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE DA ALDEIA DE COMBOIOS

HABILIDADE: (EF06GE02/ES) analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários, apresentando. Situações geográficas que caracterizam as diferenças produzidas e percebidas pelo homem em diferentes lugares: cidades, zona rural, lavouras, áreas de natureza intocada, lugares turísticos, reservas indígenas, bacias hidrográficas e outros.

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM:

Formular e expressar (oralmente, graficamente e por escrito) uma reflexão a respeito das permanências e das mudanças ocorridas nos vários aspectos da vida em sociedade, ao longo do tempo e em diferentes lugares;

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicie a aula com o conceito de "território". Pergunte o que é um território, escreva na lousa as informações fornecidas por eles e as discuta, escolhendo as que devem ser mantidas e as que devem ser retiradas do registro.
- Montar o quebra cabeça sobre os elementos que compõem a sua aldeia.
- Passeio com alunos pela aldeia para visualizar os elementos que compõe um território.

SEGUNDO MOMENTO

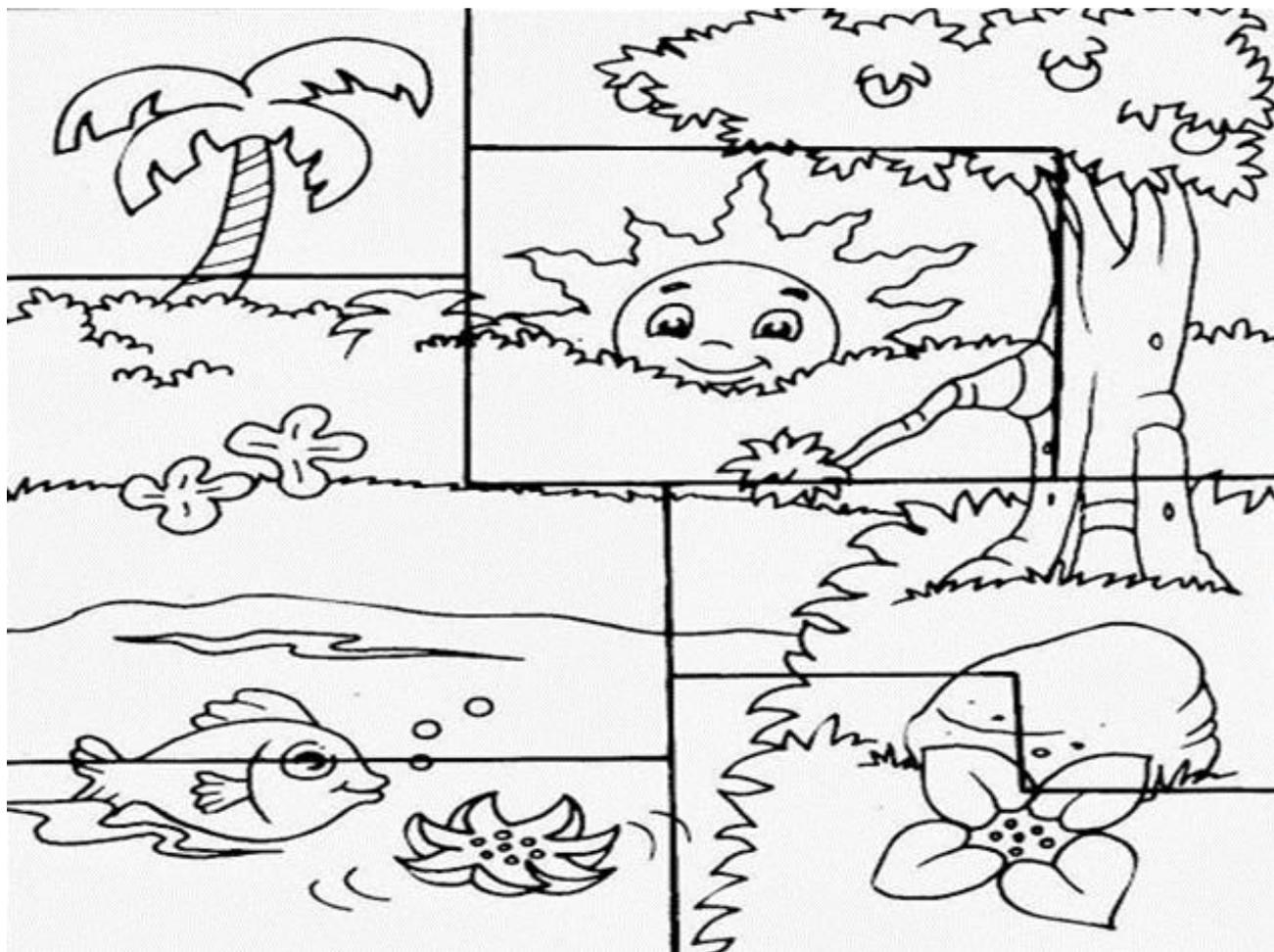
- Voltando para a sala – propor uma roda de conversa com a turma, para relatar sobre o que observou no passeio de campo.
- Atividade para marcar x na expressão que corresponde à reação obtida;
- Listar o que observou na aldeia
- Propor um trabalho de grupo, montar um painel com recortes dos elementos observados no território de comboios
- Leitura compartilhada do texto: A alimentação indígena

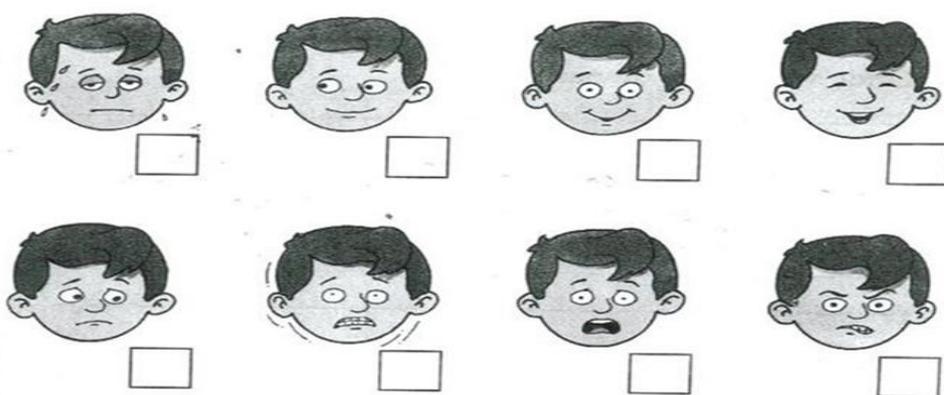
TERCEIRO MOMENTO

- Direcionamento de perguntas acerca do que o aluno observa no caminho de sua casa para a escola.
- ✓ Descreva o que observa.
- ✓ Que tipo de paisagem observa natural ou cultural?
- ✓ Que tipo de atitude você tem para preservar o território da aldeia?
- ✓ Produção de texto, sobre a importância da preservação do território de comboios.

QUEBRA CABEÇA

ATIVIDADE DE MARCAR X NA EXPRESSÃO OBTIDA





A ALIMENTAÇÃO

O NOSSO POVO RETIRAVA O SEU ALIMENTO DA NATUREZA. ELES CAÇAVAM, PESCAVAM E PLANTAVAM.

OS ALIMENTOS ERAM CONSUMIDOS CRU, COZIDO OU ASSADO (MOQUENHADO). NOSSOS ANTEPASSADOS FAZIAM MOQUENHADO DE CAÇA, PEIXE E MARISCOS. AS PRINCIPAIS CAÇAS QUE COMIAM ERA PACA, TATU, CATITU, VEADO, CAPIVARA, TAMANDUÁ, PORCO DO MATO, ANTA, QUATI, GAMBÁ E AVES. OS PEIXES ERAM:

ALÉM DE CAÇAR E PESCAR FAZIA VÁRIOS ARTESANATOS COMO: UTENSÍLIOS, INSTRUMENTOS MUSICAIS, ENFEITES PARA O CORPO, ETC.

NESTE SÉCULO OS TUPINIKIM FAZIAM SEUS ARTESANATOS PARA SEREM UTILIZADOS NO DIA-A-DIA DA ALDEIA. TANTO O HOMEM QUANTO A MULHER FAZIAM ARTESANATOS. A DIFERENÇA ERA QUE O HOMEM FAZIA OS ARTESANATOS MAIS PESADOS E AS MULHERES FAZIAM OS MAIS LEVES. ERA DE RESPONSABILIDADE DE O ÍNDIO FAZER AS ARMAS DE CAÇA E PESCA, A CANOA, O PILÃO, OS INSTRUMENTOS MUSICAIS E OUTROS. A ÍNDIA FAZIA OS UTENSÍLIOS DA OCA, OS ENFEITES DO CORPO, ETC.

DEPOIS DE ALGUNS DIAS QUE OS PORTUGUESES ESTAVAM EM CONTATO COM OS TUPINIKIM TROCARAM COM OS NATIVOS ALGUNS PRESENTES COMO: UM GORRO VERMELHO, UM CHAPÉU PRETO E UM CAPUZ DE LINHO QUE USAVAM.

JÁ OS INDÍGENAS TROCARAM: COLAR DE CONCHINHAS BRANCAS E UM COCAR DE PENAS DE ARARA. A PARTIR DESSE CONTATO DO TUPINIKIM COM OS PORTUGUESES, OS INDÍGENAS DESTES SÉCULO CONHECERAM E PASSARAM A UTILIZAR OUTROS TIPOS DE OBJETOS.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

DISCIPLINA: GEOGRAFIA

TEMA: Paisagens indígena de Comboios

OBJETIVOS: identificar as modificações das paisagens da aldeia

HABILIDADE: (EF06GE06/ES) identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, relacionando trabalho humano à dinamização do processo de exploração dos recursos naturais nos contextos das revoluções industriais (surgimento de novas máquinas e equipamentos agrícolas, exploração da matéria-prima da natureza e o aumento do consumo).

PRIMEIRO MOMENTO

- Projetar na lousa o tema e objetivo da aula
- Levantamento do conhecimento prévio do aluno acerca do tema com direcionamento de pergunta:
Que tipo de paisagem predomina no território de Comboios?
Como era o território no passado? O que mudou atualmente?
A partir das respostas dos alunos, complementar com algumas colocações.
- Leitura compartilhada do texto: COMBOIOS do livro (memórias de comboios) explanação sobre o texto.
- Direcionamento de perguntas de interpretação textual.

SEGUNDO MOMENTO

- Projetar imagens das paisagens do território indígena antes dos impactos ambientais e fazer uma breve reflexão com a leitura do texto. Identificando o que mudou com o passar do tempo.
- A partir da leitura das imagens identificar quais são os tipos de paisagens que predomina no território, por meio dos elementos presente nas paisagens.
- Pesquisar as mudanças e permanências no território e seus aspectos históricos.

TERCEIRO MOMENTO

- Convidar um ancião da aldeia para socializar com os alunos as transformações do território, ao longo do tempo (registro).

SEQUENCIA DIDÁTICA 4

DISCIPLINA : GEOGRAFIA

TEMA: Mudanças nos hábitos tradicionais indígenas

HABILIDADE: (EF06GE06/ES). Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, relacionando trabalho humano à dinamização do processo de exploração dos recursos naturais nos contextos das revoluções industriais

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM: Identificar as transformações no modo de vida indígena.

MATERIAL

- Data show, computador;
- Relatos históricos previamente escolhidos
- Caneta;
- Caderno;
- Imagens antigas
- Cartolina

PRIMEIRO MOMENTO

- ✓ Inicie a aula apresentando o tema, objetivo
- ✓ Levantamento prévio do conhecimento do aluno a partir do direcionamento de perguntas: Você conhece quais foram as mudanças ocorridas no modo de vida dos tupinikins? Quais os aspectos da cultura que permanece na vida do seu povo?
- ✓ Anotar nalousa as respostas dadas pelos alunos, solicitar que anotem no caderno.
- ✓ Leitura e análise de imagens de práticas indígenas antes dos impactos da industrialização. **Acesso no histórico de Comboios.**

SEGUNDO MOMENTO

- ✓ Leitura e interpretação de relatos históricos sobre alimentação, as moradias indígenas, artesanatos.
- ✓ Pesquisa na comunidade sobre os tipos de práticas indígenas desenvolvidos pela comunidade no passado, se ainda é realizado ou não, se houve mudanças nessas práticas, o motivo que levou essas mudanças nesses hábitos.
- ✓ Registro desses relatos

TERCEIRO MOMENTO

- ✓ Roda de conversa para compartilhar as pesquisas e apontar os pontos positivos e negativos da pesquisa em relação as práticas desenvolvidas.
- ✓ Dividir a turma em dois grupos para fazer um croqui (rascunho) mostrando elementos que fazem parte dessas práticas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

TEMA: ECOSSISTEMAS DA ALDEIA (MANGUEZAL)

ABILIDADE: (EF06GE01/ES) comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos, aprofundando os conceitos de paisagem e lugar, problematizando a produção e considerando os aspectos econômico, social, cultural e natural, destacando singularidades e diferenciações de outros lugares

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM:

Identificar as formas de manejo dos ecossistemas por parte do povo tupinikim

PRIMEIRO MOMENTO

- ✓ Inicie a aula apresentando o tema e objetivo
- ✓ Apresentar aos alunos o conceito de ecossistema (registro).
- ✓ Levantamento prévio do conhecimento do aluno sobre o manguezal.
- ✓ Projeta o vídeo: Manguezal aula prática, bate papo sobre o video.
- ✓ Leitura compartilhada do texto: Manguezal
- ✓ Direcionamento de atividade de interpretação textual.

SEGUNDO MOMENTO

- ✓ Apresentação de imagens mostrando as características dos manguezais: Vegetação, tipo de solo, animais.
- ✓ Leitura e interpretação do texto fauna dos manguezais, descrever no caderno o nome dos animais que compõe o manguezal,
- ✓ Roda de conversa com um morador indígena sobre o uso do manguezal e as técnicas utilizadas, período da coleta. Socializar a importância dos manguezais para a população indígena.

TERCEIRO MOMENTO

- ✓ Passeio de campo nos manguezais
- ✓ Descrever as principais características observada no manguezal, o trajeto feito.

TEXTOS DE APOIO

MANGUEZAIS

Os manguezais estão em áreas de transição entre o ambiente terrestre e o marinho. São comuns em estuários (lugares onde rios encontram o mar), enseadas e em lagunas de água salgada. Eles estão presentes em cerca de 30% da costa brasileira. O solo dos manguezais é lodoso, negro e profundo e fica constantemente inundado. Nele está uma rica camada de matéria orgânica, que é decomposta por micro-organismos e, assim, pode voltar ao meio na forma de nutrientes.

Uma vegetação densa e intrincada caracteriza os manguezais. Normalmente são árvores de raízes aéreas, isto é, que se desenvolvem a partir do caule. No caso das árvores dos manguezais, são do tipo respiratórias, pois possuem pequenos furinhos (pneumatódios) que permitem a aeração. Em geral, a vegetação é denominada mangue e inclui os tipos vermelhos, brancos, botões e siriúbas. Também podem ser vistas algas, líquens, orquídeas, bromélias e samambaias no mangue. Aves marinhas também fazem parte desse ecossistema: se você for a um manguezal, pode ver garças e colhereiros. E também pode se deparar com alguns mamíferos que lá buscam refúgio, como as lontras e o mão-pelada.

Denise Moraes. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br>>.

PERIODO DA COLETA DO CARANGUEJO/GUAIAMU

Os moradores costumavam se guiar pelas fases da lua para uma boa pescaria, as fases da lua ideal para a prática da pesca é a lua crescente, e para a coleta do caranguejo que também era muito comum essa prática na época, a lua ideal era a lua cheia e a lua nova, e a crescente. Segundo seu Edson este período era melhor por que os caranguejos saia do buraco e ficava andando.

A coleta do caranguejo e do goiamum era manual não utilizava nenhum instrumento. Retirava os caranguejos na mão, mas tinha uma tática para não ser picado por eles. No entanto todas essas práticas eram feitas a pé, pois na época não usavam nenhum meio de transporte, então se deslocavam da aldeia até o mangue que tem uns 15 km de distância. Assim como para a praia também.

Contado por: Edson Barbosa

SEQUENCIA DIDÁTICA - 6

TEMA: ALIMENTAÇÃO INDÍGENA

HABILIDADE: (EF06GE06/ES). Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização, relacionando trabalho humano à dinamização do processo de exploração dos recursos naturais nos contextos das revoluções industriais (surgimento de novas máquinas e equipamentos agrícolas, exploração da matéria-prima da natureza e o aumento do consumo).

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM:

Conhecer os tipos de alimentos de origem indígena

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicie a aula apresentando o tema, objetivo
- Levantamento prévio do conhecimento do aluno sobre hábitos alimentares indígenas
- Observação de imagens possibilitando ao aluno momento de análise sobre a alimentos de origem indígenas que conhece.
- Leitura e escrita do texto modo de vida – alimentação indígena do livro memória de Comboios

SEGUNDO MOMENTO

- Leitura compartilhada do texto 1: A lenda da Many, texto: 2 caçadas no rio Comboios (livro memória de Comboios)
- Direcionamento de perguntas na oralidade sobre o texto
- Recortes de figuras sobre os tipos de alimentos indígenas que está presente nas receitas da sociedade brasileira.

- Atividade de pesquisa com os familiares sobre os tipos de alimentos cultivados pela comunidade indígena.
- Trazer receitas de pratos que retratam a alimentação indígenas.

TERCEIRO MOMENTO

- Roda de conversa sobre as mudanças que ocorreram no território impactando diretamente os hábitos alimentares indígenas.
- Oficina de culinária de pratos típicos indígena

SEQUENCIA DIDÁTICA 7

DISCIPLINA: GEOGRAFIA TEMA: IMPACTOS AMBIENTAIS NO TERRITÓRIO TUPINIKIM

HABILIDADE: (EF07GE08/ES). Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro e do Espírito Santo, identificando e problematizando as mudanças socioeconômicas ocorridas após o advento da industrialização e o do desenvolvimento tecnológico.

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM:

Analisar as mudanças ocorridas no território tupinikim por meio das industrializações

MATERIAL: Notebook, data show, imagens, textos previamente escolhidos

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicie a aula apresentando o tema, objetivo
- Levantamento prévio do conhecimento do aluno sobre os impactos ocorridos no território a partir do direcionamento de perguntas na oralidade.

O que é impacto ambiental?

Quais são os impactos ambientais ocorridos na aldeia de Comboios?

Quais os espaços mais afetados com esses impactos?

- Anotar na lousa as respostas dadas pelos alunos e solicitar que anotem no caderno.

SEGUNDO MOMENTO

- Entrevista com um morador da aldeia para falar sobre a utilização do rio e o mar e os tipos de atividades praticadas, a partir de questionários.
- Leitura de textos explícitos sobre os tipos de impactos ambientais no território de Comboios.
- Apresentação de imagens dos espaços impactados
- Analisar as consequências que esses impactos provocaram na vida do povo tupinikim.

TERCEIRO MOMENTO

- Socializar sobre os animais que existia na mata/restinga, rio e mar e que não existem mais.
- Ilustração desses animais
- Passeio de campo por esses espaços analisando as áreas impactada, como o rio, mar, mata.
- Refletir sobre a importância de reflorestar áreas degradadas promovendo o plantio de mudas nativas.

SEQUENCIA DIDÁTICA 8

TEMA: O USO DO RIO COMBOIOS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE INDÍGENA TUPINIKIM

HABILIDADE: (EF06GE011/ES) analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físicos naturais, incluindo as transformações das biodiversidades local e do mundo, fazendo uma reflexão sobre como a sociedade se apropriou da natureza na ocupação das áreas considerando a escala local e global.

OBJETIVOS GERAIS DA APRENDIZAGEM:

Compreender como os povos indígenas se relaciona com o rio

MATERIAL

- Data show, computador;
- Mitos indígenas
- Caneta;
- Caderno;
- Imagens;
-

PRIMEIRO MOMENTO

- ✓ Inicie a aula apresentando o tema, objetivo
- ✓ Levantamento prévio do conhecimento do aluno sobre a importância do rio para a comunidade indígena;
- ✓ Observação de imagens, possibilitando ao aluno momento de análise sobre a importância do rio para a comunidade indígena e refletir sobre a sua presença no seu dia a dia.

SEGUNDO MOMENTO

Pesquisa sobre o rio Comboios em que vive a partir de questionários de pesquisa:

- ✓ O nome do principal rio da aldeia?
- ✓ Onde fica a nascente desse rio?

- ✓ O lugar em que esse rio desagua?
- ✓ As atividades desenvolvidas neste rio
- ✓ Socialização da pesquisa no

TERCEIRO MOMENTO

- Leitura e interpretação de narrativas indígenas contadas por anciões da aldeia sobre as criaturas do rio, como a **mãe d`água**, o **caboclo**, **mero**.
- Evidenciar a importância do rio para os indígenas tupinikins, a utilização desse rio, para diversas atividades, bem como as brincadeiras de banho no rio, a prática da pesca.
- Relatos histórico sobre o rio antes e agora após a chegada das indústrias
- Produção textual sobre a importância do rio para o povo tupinikim

SEQUENCIA DIDATICA – 9

TEMA: A PESCA EM COMBOIOS

OBJETIVO E CONTEÚDO

O objetivo deste trabalho é auxiliar os alunos na pesquisa de campo com os pescadores buscando compreender a importância dessa prática para os moradores bem como conhecer os tipos de armadilhas confeccionados pelos próprios pescadores indígenas no passado e buscar técnicas para reproduzir estes materiais. Garantindo assim a revitalização da cultura junto ao desenvolvimento da leitura e escrita. Refletindo sobre as mudanças ocorridas com o passar do tempo, compreendendo a importância da pesca na alimentação dos tupiniquins da aldeia de Comboios.

HABILIDADE: (EF04GE01) selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro – brasileiras, de outras regiões do país, latino – americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada delas e sua contribuição para a formação da cultura local, estadual, regional e brasileira.

DESENVOLVIMENTO:

1 aula

- Apresentação do tema da aula e objetivo descrevendo na lousa
- Leitura compartilhada (quem conta um conto aumenta um ponto) contada por um Ancião.
- Roda de conversa com anciãos, relatando como era o rio antigamente e momentos históricos que marcaram a vida desses pescadores. Fatores importantes na pescaria e mudanças ocorridas até hoje.
- Produção de textual do relato histórico.

2ª aula

- **Texto:** Pesca em comboios (Livro Memórias Comboios volume 02 pag.12) leitura coletiva e individual, localização dos instrumentos de pesca no texto.
- Pesquisa e produção de lista dos instrumentos de pesca utilizados antigamente.
- Ilustração dos instrumentos de pesca.
- **Texto:** Caçadas no rio Comboios (livro Memórias de Comboios volume 01 pagina 13) Leitura reflexiva, falar sobre a importância do peixe na alimentação.
- Produção de lista com nome dos peixes capturados antigamente e quais características.

3ª aula

- Passeio na praia e no rio de comboios.
- Oficina para confecção das armadilhas de pescaria.

Leitura compartilhada:

Quem conta um conto aumenta um ponto!

Em uma aldeia morava uma família que tinha dois filhos, chamados de Naiá e Ybirá, eles viviam de caçar, pescar, colher frutos na mata, e também seu pai plantava alguns alimentos na roça. A moradia deles era feita de madeira e coberta de palha. Certa noite Naiá e ybirá observaram que sua mãe estava muito doente, então os dois preocupados resolveram ir até a floresta procurar uma planta para fazer um chá para sua mãe.

Sem avisar seus pais Ybirá e Naiá, saíram escondidos e correram em direção a floresta. Mas a noite estava tão escura que não sabiam em qual caminho seguir, só ouviam os animais noturnos gritarem, com muito medo se escondiam atrás das árvores, não demorou muito para perceberem que estavam perdidos.

Diante daquela situação continuaram andando em busca da planta que salvaria a sua mãe, mas quanto mais andavam, mais perdidos ficavam, até que de longe Ybirá viu uma casinha de palha com fumaça saindo da chaminé, famintos resolveram chegar próximo a janela.

Na casa morava uma serpente que se disfarçavam de velha para enganar e matar pessoas. A velha havia fritado uma cuia de bolinhos e colocado na mesa. Ybirá e Naiá

pegaram um pedaço de pau, furava o bolinho e comia. Quando a velha percebeu que o bolinho estava acabando ela dizia:

- Chip, chip meu gatinho está comendo meu bolinho! A velha por estar quase cega achava que era seu gato que estava comendo os bolinhos. Mas chegando perto viu os dois e colocou-os para trabalharem. Até que um dia a velha prendeu Ybirá no caixote e deu ordem para Naiá alimentar ele até engordar. Só que Ybirá era muito esperto tinha escondido um rabinho de tatu no bolso, todas as vezes que a velha o mandava mostrar o dedo para ver se estava gordinho, ele mostrava o rabinho de tatu. Uma tarde, a velha libertou Ybirá do caixote e pediu para ele buscar lenha para fazer uma fogueira, porém, os dois irmãos já haviam percebidos que a velha estava tramando de matá-los.

Quando a noite chegou, a velha chamou os dois e disse para eles dançarem em volta do fogo, Naiá disse que não sabia dançar e Ybirá falou para a velha ir dançar primeiro, quando a velha começou a dançar, as crianças a empurraram no fogo e grande foi sua surpresa quando viram ela se transformar em uma cobra enorme. Feliz, os dois acharam uma flecha mágica que mostrou o caminho para eles de volta.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 10

TEMA: HABITAÇÕES INDÍGENAS TUPINIKIM

HABILIDADE: (EF07GE08/ES) Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro e do Espírito Santo, identificando e problematizando as mudanças socioeconômicas ocorridas após o advento da industrialização e o do desenvolvimento tecnológico

DISCIPLINAS: GEOGRAFIA

Objetivos e conteúdo de ensino

Conhecer como era as moradias indígenas tupinikim, percebendo as mudanças ocorridas com o passar do tempo

Material

- Data show, computador;
- Textos previamente selecionados;
- Caneta;
- Caderno;
- Imagens;

Desenvolvimento

1º MOMENTO

- Apresentar no data show ou escrever na lousa o tema e o objetivo da aula
- Conhecimento prévio dos alunos sobre as moradias do passado.
- Direcionamento de perguntas
 - ✓ Você sabe como era as moradias indígenas?
 - ✓ Saberia descrevê-las?
 - ✓ Qual fator contribuiu para promover as transformações das moradias.
 - ✓ De que forma a população indígena vivia naquela época.
- Leitura compartilhada na narrativa indígena: Moradia

- Apresentação de imagens das moradias antigas (acesso no histórico de Comboios)
- Análise das imagens, identificar o material utilizado para as construções das moradias indígenas.

2º MOMENTO

- Pesquisa com um ancião sobre as moradias de antigamente como eram feitas, quem era as pessoas que participavam da construção, se era realizado em mutirões ou individuais. As mudanças que ocorreram com o passar do tempo, e por que isso aconteceu. Quem contribuiu para essas transformações nas comunidades?
- Relato por escrito da pesquisa.

3º MOMENTO

- Propor um trabalho de grupo: Maquete das moradias de antes e atuais.

REFERÊNCIA

ZABALA, Antoni. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem. 1998.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L.;

ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.

SAQUET, Marcos A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

RAFFESTIN, C. **Immagini e identità territoriali**. In: DEMATTEIS, G.; FERLAINO, F. In: Il mondo e i luoghi: geografie delle identità e del cambiamento. Torino: IRES, 2003. p.3-11.

RAMOS,A.R. Sociedade Indígenas. São Paulo: Ática, 1988

Ausubel, D.P.; Novak, J.D. & Hanesian, H. (1980). Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Interamericana.

TURRI, Eugenio. La conoscenza del território. Metodologia per un'analisi storicogeografica. Venezia: Marsilio, 2002.

PEREIRA, S.A.; PIRE, X.D. **Uma proposta Teórica – Experimental de Sequência Didática sobre Interações Intermoleculares no Ensino de Química, utilizando variações do teste da Adulteração da Gasolina e Corante de Urucun**. Investigação em Ensino de Ciências. P. 389.

Observatório dos Conflitos no Campo (OCCA) Simone Raquel Batista Ferreira
(Coordenação)

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2002

ANDRADE, M. C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 213-220.

CARA, R. B. Territorialidade e identidade regional no Sul da Província de Buenos Aires. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 261-269.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217-227.

ZABALA, A. A Prática Educativa: Como educar. Porto Alegre, 1998.

AUSEBEL, D. P.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. Educational Psychology: A Cognitive View (2ª Ed.). New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.